



GIL VICENTE

SEMANARIO MONARQUICO INTEGRALISTA
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arpelones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VÁQUELO*

Director:
D. José Ferrão.
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUILMARAES

UMA CAMPANHA

Nas horas amargas d'hoje, que tanto nos pesam, como já foram atribulação da Itália, uma campanha se leva a campo na restauração de Portugal — a renovação da Monarquia, de que seremos os precursores se já não pudermos ser os seus fundadores, como melhor desejamos.

As taboas da nossa lei serão sempre o Passado, onde tanta gloria rebrilha em esplendores maximos na apoteose da lenda que em sonhos da alma iria erguer Portugal ao altar da Imortalidade.

A campanha levanta-se intemerata como sempre, frente a frente á banalidade e perversidade do liberalismo que nos algema e nos vilipendia dizendo-se a fonte maxima da aspiração mais pura que o bem encerra.

Essa mascara da bondade melhor ocultando a vileza maior é o alvo das balas que a falange indomavel, sob a égide das Verdades Eternas, dispara sem cessar e sem cançar, porque quer vencer, porque sabe querer, para salvar o berço do seu nome, da sua honra, desta ignominia que a subverte numa morte tão de abominar, tão miseravel.

Não: — o Integralismo vive e luta, organiza-se e apresenta-se para a batalha final da Inteligencia em que vencerá, renovando as instituições politico-administrativas que nos definem, e nos ascenderam a regiões invejadas, trazendo-nos a saudade das horas de luz numa esperança que nos incendeia a rasgar o ergastulo que nos nega.

Que nos importa a monarquia mentida de 1910 apontando a Liberdade — de quê? — que a republica melhor empunha em destaques? Irmãos-gemeos como o são,

jamais com qualquer deles poderemos tomar ligação numa frente unica que tantas vezes nos segredam, pois nunca será possível haver um abraço indestructivel entre ideias nacionais e anti-nacionais, tal como se torna impossível que dois pregos ocupem o espaço que um deles abarca.

Se um é a antítese do outro, como se pode conceber que a ideia liberal-democratica se vá unir, de momento que seja, a ideia integral?

Já é aberração miseranda, se não crime confesso, dizermo-nos portuguezes e barmos o portuguezismo que nos dizemos. É necessario compreendê-lo para o provarmos em tudo e por tudo.

Nós somos o espirito da Contra-revolução, porque queremos construir, afirmar, realisar, amando assim a harmonia do lar subindo á Nação, numa aspiração do interesse nacional a que servimos olhando a tradição da Era de Quatrocentos.

A Realidade Portugueza é o estandarte do Integralismo Lusitano, e quem da alma ainda não fez um pantano de abjções, faça então o acto de contrição e encaminhe-se pela estrada larga que o sol lava, se quer em verdade amar a Portugal que o tenha visto nascer, acorrendo á salvação que se lhe impõe no dever maximo que lhe trará o direito de portuguez.

E deixemo-nos de presunçoes bem intencionados, em alardeios de uniões, que só definem os caracteres dos poltrões que os infernos tem em abundancias bem largas.

Ponte e SOUSA.

A IDEIA NACIONALISTA

Na entrevista que o illustre coronel sr. João de Almeida, o valoroso Portuguez que nos Demobos soube conquistar com o seu esforço e amor patrio uma pagina de imorredora gloria para a nossa Nacionalidade, ha uma passagem que vale bem ser transcrita e ponderada. Interrogado pelo jornalista sobre o movimento de 19 de Janeiro, em que o coronel sr. João de Almeida appareceu como indigi-

tado ministro da guerra, marinha e comunicações, da Junta Governativa que então se constituiu, o valoroso heroi declarou que nada teve com esse movimento, porque só se podia restaurar a monarquia caída em 1910, e por essa não se queria bater.

Acrescentando *ser-lhe muito simpática a ideia nacionalista*. Esta afirmação devia servir de muito, de grande lição, áque-

les que ainda hoje continuam servindo de *empatas* á Restauração de Portugal, agarrados a uma ideia que todas as pessoas de bom senso tem repudiado por antagónica ao interesse nacional.

Desde ha muito já, que o Integralismo Lusitano tem proclamado a necessidade de se proceder a uma reforma politica que, lançando á margem todos os *estrangeirismos* que o liberalismo importou, fósse, ao mesmo tempo, uma solida reorganização das bases organicas do nosso renascimento, procurando-se no passado tudo quanto exista de aproveitavel para servir de forte estio a esse renascimento.

Nesta coerencia e comunhão de ideias, principiou se lançando a semente bendita que, diga-se em boa verdade, tem produzido os mais belos resultados.

Aparte a geração incorregivel que deseja ainda opôr-se a esse renascimento, aparte um ou outro grupo que continua a sobrepor o comodismo e interesses particulares aos sagrados interesses da nossa Patria, uma outra geração desponta, heroica, bela e grandiosa, espirito de sacrificio para resgate de uma Nação oprimida e vexada.

E é essa geração que vai batendo neste combate santo contra a nova mirama, a operadora do milagre da conversão á nova Fé que ressurge grandiosa de toda a magnifica epopeia do sacrificio.

Continuar batidando a favor de uma ideia morta o mesmo é prestar culto a uma utopia. Por essa ideia caída por terra em 5 de Outubro de 1910, não se quer bater João de Almeida, não nos bateremos nós, os da Geração Nova.

No artigo PRINCÍPIOS, publicado no ultimo numero deste jornal, tive occasião de me referir ás formulas novas de reorganização politica e nacional; e por que elas estão dentro dos moldes verdadeiramente nacionais, isentas de estrangeirismos, se lhes chama *nacionalistas*. Daí nasce o *nacionalismo* ideia em contraposição ao nacionalismo politico, que a victoria fascista veio inocular nos cerebros esquentados dos oradores de comício, chefes de partido, sem outra finalidade que não fósse a usurpação do rotulo, porque, em verdade, o liquido ficou sendo o mesmo, de genuina lavra democratica.

Assim, a ideia nacionalista, viu-se totalmente livre de qualquer usurpação por parte desses chefes de partido, continuando a trilhar o seu caminho de sempre na evangelização das almas, no aperfeiçoamento dos caracteres, na purificação dos nossos costumes.

Com esse *nacionalismo* ideia simpática o coronel João de Almeida. E essa simpatia, vinda de onde vem, manifestada por um dos mais valorosos heróis das nossas campanhas de Africa, por um Portuguez illustre que tem sabido dignificar e elevar a nossa Patria, constitue para nós, integralistas, um incitamento para proseguirmos sem desfalecimentos na ardua mas digni-



Toledo

*Nobre Toledo! em ti meu pensamento
Repousa cheio de saudade e dor:
Teira do exilio do meu Rey-Senhor!
Jardim da Lenda e do Misterio bento!...*

*E's-me a segunda Patria, linda Flôr
Beijada pelo Tejo que, mui lento,
Passa a teus pés cantando a voz do vento,
Num êxtase de sonho embalador...*

*Toledo! encerras no teu Seio ardente
O coração dum Portugal-Maior
E as cinzas dum Rey-Mártir, destronado!*

*Toledo! haviam de saber de cor
A tua Historia bela e refulgente
Os meus irmãos no Ideal sagrado!...*

Ruy Galvão de Carvalho.

(Do livro inédito «PAIZ DA LENDA E DO MISTERIO»)

ficadora tarefa do *reaportuguesamento* de Portugal, na frase admiravel do Poeta da Raça Dr. Afonso Lopes Vieira.

E assim deve ser e assim o devem compreender todos. Os exemplos de um seculo de liberalismo devem servir de boa e proveitosa lição. Não o comprehendem assim? Tanto pior! Quanto mais tempo levar a darem-se

por convencidos, mais a Nação irá sofrendo na opressão que a tiranisa, até que um dia, terminada a expiação, porque ela tem de terminar, por vontade de Deus, ha de surgir a Aurora do Resgate em toda a pujante beleza da manhá de Ourique.

M.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRICOLA

HA FESTAS QUE EXCEDEM O PROGRAMA
PROGRAMAS QUE NÃO CORRESPONDEM
A'S FESTAS

Viram o pomposo reclame das festas de Viana?

Foram ás festas sanjoaninas de Braga? Pois a quem não viu, saiba isto que no-lo dizem aqueles dos nossos patrios que nas duas funções se juntaram á onda dos forasteiros:

— «Muito povo... e pouco mais que isso!»

Por que succedeu assim e por que assim succede sempre, momentaneamente com as duas lindas capitais de distrito? Em parte, por estes dois factos: *porque tem hotéis para receber, estancias para atrair.*

E nós?

Nem hotéis, nem um parque ou montanha acessivel. Não sonhamos, no passado, municipalisar a cerca da Costa; não quizemos, em nossos dias, transformar em parque o bravio do Cavalinho. Estas faltas de previsão administrativa e visão de

futuro coloca-nos hoje na triste situação de não podermos competir com aquelas terras que, quando não dão ao forasteiro um succulento programa festeiro, dão-lhe, para justa compensação, um retiro ameno aonde passe o seu dia.

Temos ali a Penha, é certo. Mas quem tem pernas que lá levem, encosta a p.no, por um sol de canícula? O monte de Santa Luzia, em Viana, lá inaugurou o seu elevador. Braga já ha muito que o vê subir por entre a ramaria verde do Bom Jesus. E a Penha? Quem é sufficientemente milionario para recorrer ao automovel? Trem de motor a palha, como diz a graça alheia, quem o apanha em goito de preço?

Positivamente faz-nos falta... um Abrunhosa, um Lopes Gon-

S. Cristóvão

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do n.º 147)

Ao alto de uma larga e magnífica avenida, junto ás muralhadas paredes de um edificio de tóvo aspecto onde os homens se encarceravam, Cristóvão contemplou extasiado o maravilhoso espectáculo noturno que seus olhos bebiam ófregos e deslumbrados.

Como era linda, e alegre, e grandiosa a enorme cidade, vista assim no conjunto feérico das suas colinas fantasticas de luz! O largo rio ao fundo era um tóvo tapete negro crivado de estrelas de mil cores; rios de luz desaguiavam em oceanos lunares e algumas ruas mais compridas e tortuosas desenhavam no clarão que se elevava acima dos telhados, extensos dragões de fogo imóveis e fartos.

E á luz esplendida que clareava as ruas e praças, homens de trabalho passavam apressados com armas, homens d'armas tropeavam ligeiros como quem ia para um urgente trabalho.

Gritos de revolta e de comando fendiam o ar de mistura com o tinir dos armamentos, e no coração congestionado da cidade os homens arrancavam as pedras das calçadas polidas e construiam febrilmente fortes abrigos donde espreitavam inimigos que se não viam.

Mas do subito, um fragór espantoso de ribombo infernal alcançou até ao mais fundo das suas entranhas a madre rochosa da cidade; novas explosões se sucederam mais violentas e pavorosas e uma chuva de metralha e de fogo começou de cair, incessante e mortífera.

Os incontáveis lumes que havia pouco fantasmagoriavam a urbe suntuosa, apagavam-se como um pavio ao vento, e por longos, angustiosos momentos, homens e armas jazeram sepultados na mesma negrura trágica. Apenas de espaço a espaço, no rio e nas colinas mais elevadas, pesados engenhos de guerra e de extermínio vomitavam jactos de fogo sobre

galves... um homem de acção e de vontade que saiba querer. Sim, porque em materia de dinheiro temos mais que Viana e Braga, porque temos esse filão inextinguível que se chama—empório industrial. Simplesmente parece que nos faltam globulos de sangue novo para um rejuvenescimento colectivo. Estamos, esta é que é a verdade, sofrendo duma apatia criminosa! Uma ou outra vez, (como os motores que tem explosões de descarga), vibramos e agimos. Será a Exposição de 1923 apenas objecto duma descarga de entusiasmos? Não lhe sabermos aproveitar a flux? Deixará de ter continuidade essa eferescencia de bairrismo tam intelligente que vai realizar a grande parada industrial e agrícola?

Mas, como iamoz dizendo, não temos hotéis. Consideremos, pois, benemeritas aquelas iniciativas que, mesmo para o momento, os vão instalar entre nós. Todas as facilidades devem ser dispensadas aos seus organizadores. Sem hotéis não pode haver o direito de fazer convites ao país—para vir passar um dia entre nós. Pensemos nisto. Não há terra bonita com mais hotéis. Touriste bem comido e bem

o casario soturno, mergulhado na escuridão.

Até que, por fim, o clarão dos incêndios se levantou sobre as labaredas vermelhas e vivas; já o fumo áere das explosões se tingia de púrpura e grandes manchas trémulas se rosavam ao alto no céu em cremação.

E á luz sangrenta das chamas devoradoras, Cristóvão viu os homens pulando entre o fogo como demónios, bandos esfarrapados arrombavam as portas a machado, entravam furiosos como arcânjos de extermínio, e tudo roubavam, e destruíam, e queimavam. De principio ó os traficantes de viveres sofriam as investidas das hordas, mas a ânsia da rapina cêdo desnudou as almas onde ó a inveja e a raiva satisfeitas garralhavam chias de gôso satisfeito. Ah! que ruins os homens eram, que egoismo ó dido os chumbava ás cadeias doiradas com que o Diabo agrilhoava as almas! Como éles eram os mesmos Jacques de sempre, assaltando, matando e roubando em nome da Fome e da Justiça, como a humanidade conservava sempre tão fácil a mesma fatal inclinação para a rapina que, mal os diques da «Ordem» se rompiam, logo a torrente revolta se precipitava, bestial e sôgrega, sobre as mais transitórias riquezas da Terra!

E uma ternura infinita, e uma compaixão maguada iam do amoroso coração de Cristóvão para as multidões que lá em baixo se espoliavam no sangue, no fogo e no saque:—Tão fácil seria enternecê-las com os passos amargurados do Senhor e orvalhar-lhes as requemadas almas com as verdades eternas que o bom Jesus pregara e os seus discipulos espalharam pelo mundo!... Porque as teriam os homens esquecido, que ó maldições sejam agora de seus agressivos lábios?—Ah! não! Os homens não tinham olvidado de todo o nome doce de Jesus.

(Continua.)

bebido vê tudo... côr de rosa. Deem-lhe depois de um mau almoço um livro de impressões e éle escreverá nesse livro este comentario azedo:

«Dizem que esta terra tem monumentos e museus dignos de ser visitados... uma paisagem encantadora, industrias em barda, etc. etc. Mas como não usamos bula de abstinencia e temos um bom apetite, desistimos... de esperar para o jantar». E o comentario lá vai, pelo país fóra, de terra em terra, alastrando como nóloa de azeite.

...Cumpre, por nosso brio, evitar semelhança pregão. Reputamos isso de má fama e pior proveito.

A. L. de Carvalho.

—O' mamã! Será verdade haver ministros de borracha?

—E', sim, menina.

—Compre-me então um, mamã, compre... compre...

—São muito caros. Só a borracha para os fazer nos custa milhares de notas afóra as molias... para os não maguar.

—Só um pequenino, mamã.

—Não! Pequenos são todos éles! A borracha é que é cara. Pr'as Festas dou-te um... de barro! E calou o bico...



Cravos e rosas

Tão lindas, tão lindas as rosas! Ha rosas nos campos. Nascem nos valados, vestem as sébes, pendem dos muros, debruçadas nos caminhos, tomando côr á luz do dia, roubando á noite a sua frescura, no beijo do orvalho.

São ingenuas as rosas do campo, rosas singelas e bravas, que só conhecem a mão de Deus, que se dão a quem as colhe.

Ha rosas na cidade, pelas estufas, pelos jardins, nos mostradores das lojas que as vendem. E são ainda mais lindas as rosas da cidade, cultivadas com Amor em cuidados infinitos, em resguardos cautelosos que as tornam perturbadoras de sedução, modificadas em experiencias que encurtam.

o resultado que lhe fortalece a haste; que as desenvolve, que as aveluda, que as veste de garridice, nos viveiros faustos onde lhe apuram a raça.

E tão lindas, tão lindas se veem, que enfeitadas de si mesmo, flexuozas, no narcisismo que as enlanguasce, estilizam-se em attitudes que nos encantam, nos solitarios de prata, nas ânoras feitas para éles, princesitas de elegância que tem por seu o mundo, na admiração com que as olham.

... Amanhã, logo instantes depois, pendem num sôno de agonia, na despedida da vida efémera, que foi clarão impressionante, de intensa labareda, que breve se apagou!

Deixam cair as pétalas suavemente, serenamente, eguais na morte, ás rositas dos campos, nascidas nos valados, ás rosas que vestem as sébes e pendem dos muros, debruçadas no caminho tomando côr á luz do dia, roubando á noite a sua frescura, no beijo do orvalho!

... Que tentadores! que tentadores os cravos enormes, de forma caprichosa, que susteem por milagre a cabeça esgrouviada, nas hastes fininhas em que se agitam em arroubos extremos, de paixão e de delirio.

O seu aroma procura-nos, tenta nos, não nos deixa socegar.

São a flôr do verão, do verão visionario de estranhas pompas, ataviados de coloridos esgazeados, e franjado de ouro nas radiosas figuracões do sol.

Os cravos são a vida. A vida nas suas manifestações maximas, a vida que gargalha em frêmitos ansiados que escaldam o sangue, a vida que canta ao som de violas, que se movimenta no frênisim da dança, que respira febril uma atmosfera de prazer, em rasgadas claridades de auroras deslumbradoras.

—A cô!...

Os cravos tem uma alma, uma alma que nos chama, que nos estende os braços, que exerce sobre nós a sua inevitavel fascinação, na apaixonada ternura que nos atrai, em sonhos quint'essenciados de emoções.

—O perfume!...

Flôr de requinte, flôr de graça e de beleza, que traz requinte á decoracão, é tambem a flôr do povo, pondo uma nota alegre nas ruas por onde as vendedoras as passeiam, balouçando a sua exuberância, que se impõe consciante e vencedora.

Que tentadores!

Que tentadores os cravos, que furtam beijos aos labios das raparigas, quando os levam de braço, junto ao coração, estremecendo ao contacto da sua frescura, que alegam as casas dos pobres e alindam salbes, que enfeitam montras e enchem ruas, manchando-as de vermelho, atirando longe o seu perfume.

M. R. G.

OS CATOLICOS DE GUIMARAES

VÃO ASSOCIAR-SE A' FESTA DA CIDADE

Foi o nosso jornal o primeiro que, em Março preterito, entrevistando um delegado da comissão de propaganda para a EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL, ao publico lançou a nova de que o espirito catolico da nossa terra ia associar-se á grande Festa do Trabalho a realizar em Agosto.

Efectivamente, é hoje um facto em plena execucao, iniciado pela organização da nova Meza da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira e cujos elementos são plena garantia de que a Festa da Padroeira, em 15 de Agosto, revestirá um lozimento excepcional. Trocamos algumas impressões com o juiz eleito para a nova Meza, o nosso amigo sr. José Pinheiro, e, pelo entusiasmo que transparece das suas palavras, se deixa antever um programa de culto interno e externo á altura das melhores tradições catolicas do nosso meio.

A subscrição que foi iniciada há dias, tem lido um acolhimento muito lisonjeiro, o que comprova aquilo que então nessa entrevista aqui se disse: «que o ambiente catolico da nossa terra carinhosamente acolheria aqueles que se abaloçassem á effectivação duma festividade religiosa em pleno mês da Exposição Industrial e Agrícola».

Um dos numeros em que a Meza eleita põe o melhor dos

seus entusiasmos é a comemoração civico-religiosa da batalha de Aljubarrota, ligando se deste modo o sentimento patriótico a uma das mais características e impressionantes manifestações que uma velha tradição manteve até 1910, entre nós.

Teremos, pois, após os três dias das «Gualterianas», dois dias mais de festas, que enchendo 14 e 15 de Agosto, a esta terra trarão novas avalanches de forasteiros, — o que fundamentalmente importa para que o grande certamen expositivo continue em foco do interesse publico.

Sabemos que a procissão constituirá um cortejo nunca observado em Guimarães, já pelo numero de andores que nela tomarão parte, já pela imponencia dos alfais, magestade do figurado e numero de irmandades que formarão as suas alas. A esta procissão presidirá, como então dissemos, o sr. Arcebispo Primaz, contando a Meza com a cooperação de todo o clero parochial do concelho.

Os sermões junto do Padrão de Nossa Senhora da Vitória e no Templo serão confiados a oradores dos mais reputados na tribuna sagrada.

Resta que todos agora cooperem com a Meza da Irmandade, pois que o seu esforço é digno dos melhores incitamentos e aplausos.

...

Tribunal Militar

Foram julgadas ultimamente no Tribunal Militar do Porto, as seguintes praças de infantaria 20: Jo é de Carvalho Pinheiro, Clemente da Silva e Alberto Teixeira Branco, sendo condenado o primeiro em sete anos e meio de degredo; o segundo, em 3 anos e nove meses de igual pena; o terceiro, em 3 anos.

Camara Municipal

REUNIÃO

A convite da Câmara Municipal, deve reunir amanhã, pelas 13 horas, na sala dos Paços do Concelho, a imprensa local, correspondentes dos jornais de Lisboa e Porto, colectividades, etc., a fim de ser tratado um assunto que se relaciona com a festa militar a realizar por occasião da condecoração da bandeira do Regimento de Infantaria n.º 20.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{mo} Snr.

Falecimento

Victimado por uma pneumonia, faleceu, no passado dia 28, o sr. José da Silva Ribeiro, de 24 anos, solteiro, irmão do sr. Miguel Ribeiro Guimarães e de D. Rosa Maria Ribeiro Guimarães, ausente no Porto.

O extinto era deveras estimado, atendendo ás suas belas qualidades.

O seu funeral realizou-se no dia 29, ás 5 horas da tarde, sendo bastante concorrido.

Paz á sua alma.

Peregrinação a Lourdes

EM 25 DE MARÇO DE 1924

COM PAGAMENTO
A PRESTAÇÕES

Peçam-se informes á

AGENCIA STELLA, LIM.ª

3, Travessa do Alecrim — LISBOA
222, R. Sá da Bandeira — PORTO